



Zen Budismo

E-BOOK

Taoismo

Hélio Couto

ZEN BUDISMO TAOISMO

Canalização: Prof. Hélio Couto / Osho

Boa tarde a todos. Obrigado, mais uma vez, pela presença.

Zen, Budismo e Taoísmo. O segredo de todo sucesso está nessas três filosofias.

Qual é a situação da humanidade atual em relação à consciência?

Um jovem foi ao médico. Chegou ao médico e disse: “Doutor, estou com um problema muito complicado. Arrumei uma namorada que é maníaca sexual. Toda semana, semana após semana, toda noite, a gente pega o carro, vai até um lugar isolado, ela me pede para pôr as mãos, o braço, no ombro dela e pega na minha mão.” “E? E então?” “E então o quê? Tem algo a mais?”

Pensei que vocês iriam rir.

Dois amigos foram passear de carro na estrada; o carro quebra, eles descem e começam a consertar. Entram debaixo do carro, e ficam lá conversando e consertando o carro. O tempo passa, o papo está bom, eles se esquecem do carro. Dali a pouco passa um guarda, para, olha para eles e fala: “O que vocês estão fazendo?” Eles falam: “Estamos consertando o carro, que quebrou o câmbio”. Aí o guarda diz: “Então é melhor consertar o freio também, porque o carro está ali na ribanceira...”

Essa é a situação atual.

Nem se imagina a maioria. E a maioria, quanto é? – noventa e tantos por cento – que existe algo a mais, uma dimensão a mais da realidade. Nem isso. Puro materialismo.

Estão consertando o carro, e o carro está lá longe. Porque não têm nem consciência de onde está o carro.

São metáforas. Mas são extremamente reais.

A pessoa que não tem consciência do Todo do Universo, está tateando às escuras. Está tentando encontrar a solução para os problemas básicos, elementares, de comida, sexo e poder, e tendo extremas dificuldades em conseguir isso. E praticamente, 99.9999 da humanidade.

Uma pessoa que viria hoje convidou os filhos. Quando falou que era Zen Budismo, ninguém quis vir. Por que, o que será que acham que é Zen Budismo e Taoismo?

Mas, Zen Budismo e Taoismo é como ganhar dinheiro, como arrumar um relacionamento, como ter saúde, ter sucesso. Agora, se desse o nome à palestra: “Como ter sucesso”, teria mais pessoas. Nesse caso, é obrigatório explicar que, para a pessoa comprar a casa, carro, apartamento que ela deseja, é necessário entender Zen Budismo e Taoismo.

Em qualquer dos lugares que atendo, as pessoas já estão acostumados a ouvir o Hélio dizer: “Solte, relaxe, que aí vem, acontece”. Inúmeras vezes e falado isso. E o que a pessoa faz? Continua se apegando. E quanto mais se apega, menos resultado tem.

Isso significa que a pessoa não tem a menor ideia de como funciona o Universo, de como funcionam as leis cósmicas, a física que rege o Universo, porque toda vez que ela se apega, cria o Efeito Zenão.

Quando você põe o foco em algo e não tira o foco daquilo, você paralisa o decaimento atômico. E vocês acham que carro é feito de quê? Apartamento é feito de quê? Dinheiro é feito de quê? Pessoas são feitas de quê? Tudo de átomos. Tanto faz parar o decaimento atômico de um átomo como parar o de trilhões e n, n, n, n . É só uma questão de quantidade. Então, quanto mais pressão se põe para obter o resultado, menos se obtém.

Uma vez Siddharta Gautama, quando já era Buda – numa época anterior, não era Buda -, quando se iluminou, tornou-se Buda. Fez uma reunião, e estavam presentes centenas, milhares de discípulos; ele entrou, sentou-se, com uma flor na mão, e ficou quieto. Passou meia hora, uma hora, passaram duas horas, três horas, e ele não abria a boca. Todo mundo quieto e ele com a flor na mão. Todos eram discípulos. Não tinha curioso. Um discípulo, daqueles que ninguém dava nada por ele, riu. Quando riu, ele iluminou-se e o Buda pegou a flor e deu para ele. Ele foi o único que entendeu o que estava acontecendo. Duas, três horas, é literal mesmo, não é metafórico, ninguém ousava se mexer. E só uma pessoa entendeu o que o Buda estava dizendo.

Depois da última palestra, escutei reclamações, pois algumas pessoas, ficaram chateadas porque o Hélio disse que tinha uma pessoa que havia entendido. Com o Buda, aconteceu a mesmíssima coisa. Vocês vêm o que é um arquétipo? O que é uma situação arquetípica? Uma vivência arquetípica? Sempre que um arquétipo vem, acontece a mesma coisa. É impressionante. Não há surpresas.

O que o discípulo entendeu? Depois de três horas com todo mundo em silêncio, ele riu.

Você só pode entender o que um Mestre está transmitindo na presença dele. Porque o Tao não pode ser passado através de palavras. Ele é uma experiência. Era isso que o Buda estava tentando transmitir. E falou: “Assim que eu for embora, não vai durar nem quinhentos anos a mensagem que eu vou deixar”. E não durou, nem quinhentos anos. Porque não adianta escrever livros, isso precisa ser vivenciado. E, quando é vivenciado, aquele que conseguiu entender, também vivencia e não precisa de nenhuma palavra. Era isso que o Buda estava tentando passar. Ele estava comunicando o interior dele, o êxtase que ele estava sentindo, pela existência da existência. E só um conseguiu entender isso, só um sentiu a mesma coisa que ele estava sentindo.

É por isso que, depois de dois mil e quinhentos anos de Budismo, Taoismo e Zen, continua a mesma situação. Você pode ter os eruditos, escrevendo dezenas e centenas e milhares de livros sobre Zen Budismo, que não entenderam nada de Zen Budismo. São grandes doutores, escrevem grandes livros, grandes tratados, mas não entenderam nada. Porque não vivenciam. E se não é vivenciado, é puramente teórico, puramente mental. Isto é, nada.

Lembram-se do cliente que trocou de empresa, e me procurou premido pelas circunstâncias de estar num novo emprego altamente competitivo, “tem que dar resultado, tem que vender”, já em pré-infarto, depois de três meses, e eu falei: “Leia um livro sobre Taoismo. É a lição de casa.” Começou a ler. Não entendeu nada. Mas, como um emprego, carros, casas e apartamentos e etc. estavam em jogo, ele leu de novo, e leu de novo, e leu dez vezes, quinze vezes, vinte vezes. Aí, começou a dar certa luz. Imagine um ocidental ler algo que diz: “Ação através da não-ação”. Não-ação, para o ocidental, soa como música. Música, o néctar dos deuses. Porque, se para o ocidental o Paraíso é o lugar do descanso eterno, não fazer nada é a melhor coisa que existe. O Paraíso dos indianos tem ar condicionado. É sério. Todo mundo espera ir para um lugar que tenha ar condicionado, porque lá faz muito calor. O Paraíso, para eles, é um lugar fresquinho. É sério. No Tibete, o Céu deles é um lugar quente, porque faz muito frio. Então, acham que, após a morte, vão para o Céu e lá existe um lugar bem quentinho. E o Inferno

dos tibetanos é um lugar gelado. O nosso Paraíso é um lugar em que ninguém faz nada. No Oriente Médio existe o lugar das setenta e duas virgens, de dezoito anos de idade. É o que eles acreditam. Então, não-ação soou, como música. Como é que o ocidental pode entender que as coisas acontecem por si só? Que não é preciso fazer nada para que o resultado venha?

Um alemão resolveu aprender arco e flecha. Foi para o Japão, aprender com um mestre Zen. Três anos atirando arco e flecha. Sabe como é alemão, não? Eu sei porque sou descendente. Alemão é assim: escreve “Breve tratado sobre tal assunto”, porém escreve treze volumes. Breve... Treze volumes... Eles levam a sério. Ele achou que aprenderia arco e flecha se ficasse um bom tempo, atirando. Quando completou três anos, ele disse ao mestre: “Bom, já acerto o alvo, quero meu certificado de que aprendi”. O mestre respondeu: “Você não aprendeu absolutamente nada. Portanto, não tem certificado algum”. “Mas, como? Eu acerto o alvo 100% das vezes.” “Quando você aprender, que não é você que atira, a flecha se atira por si só. A Lei da Gravidade faz com que ela chegue ao alvo.” “Como? Isso é impossível. A Lei da Gravidade vai levar a flecha até o alvo? Eu vou embora. Cansei daqui.” Então, foi arrumar sua mala. No dia seguinte, foi se despedir do mestre, que tinha outros alunos, estava ensinando os próximos, e o alemão ficou só observando. Quando ele relaxou e só observou, teve a iluminação. Aí, ele entendeu. Então, foi falar com o mestre: “Entendi”. Aí, o mestre falou: “Ok. Agora você está pronto”. Somente quando ele parou com a técnica, parou com o ego, parou de pôr força, de pôr pressão, é que ele entendeu que a flecha caminha por si só.

Mas, existe um detalhe: a não-ação acontece depois que você já despendeu todo o esforço possível. Antes disso, não acontece nada. Se a pessoa não está fazendo nada, para conseguir os seus objetivos e cai na não-ação, acontecerá muito menos. É preciso pôr o esforço para as coisas acontecerem, e, ao mesmo tempo, não pôr. Portanto, isso não é para muitas pessoas. Todos chegarão lá, mas num determinado instante histórico, é para poucas pessoas.

Outro arqueiro também foi treinar, foi aprender; ficou exímio, acertava todos os alvos. O mestre disse: “Você ainda não sabe nada. Pode parar, não vai mais atirar. Esqueça, acabou. Vá cuidar de outra coisa”. Ele ficou vinte anos cuidando de outra coisa. Depois ele voltou lá para falar com o mestre. Vinte anos sem pôr a mão no arco, na flecha, em nada; ele nem sabia mais o que era um arco e uma flecha. O mestre tinha dito: “Quando você aprender, não usará mais arco e flecha. E os pássaros cairão sozinhos, bastando você olhar.” “Imagine, os pássaros cairão sozinhos...” Daí, ele foi embora. Vinte anos depois ele volta, olha o arco e fala: “O que é isso?” Nem sabia mais o que era um arco. Aí, o mestre disse: “Agora você sabe. Vá até a janela e olhe.” Ele foi à janela, olhou e os pássaros caíram. Tudo é movido pela consciência. Só existe uma única consciência, uma única onda que é consciente, que é toda a existência. Quando ele sentiu isso, ele não precisava de arco e flecha para derrubar os pássaros.

Os “milagres” acontecem continuamente, um após o outro, para quem já entendeu. Só que não é entender mentalmente, teoricamente, intelectualmente. Se isso não for sentido, não significa absolutamente nada, porque a pessoa continuará inconsciente da realidade.

O pai do Buda - já sabia - que ele seria um Buda. Ele fez de tudo para que o filho não tivesse contato com nada da realidade humana. Doença, fome, morte, etc. Ele foi mantido afastado disso, o máximo possível. Até que um dia, ele estava passeando pela cidade, e o Rei mandava retirar todo mundo que tivesse problema das vistas dele, ele nunca via pobre, nunca via doente, nunca via morte, nunca via nada. Ele não sabia nem que isso existia. Mas, os deuses resolveram que já era tempo dele aprender. Os deuses se disfarçaram de mendigo, e ele passou e viu um mendigo. E perguntou para o ajudante o que era aquilo. Lá na frente, outro deus se disfarçou de doente, e ele também perguntou. E, lá na frente, outro se fingiu de morto. Então, ele soube que existia essa realidade. Quando ele soube isso, disse: “Pare, que vou voltar, porque eu não posso viver na ignorância. Eu tenho que entender como é a vida”. Ele falou: “Aqui dentro eu não vou conseguir fazer isso. Então, eu vou embora.” Sua mulher tinha um filho recém-nascido; ele esperou para sair na madrugada, para que ninguém soubesse que ele ia embora, senão seria

aquele “chororô” e, por volta das cinco horas da manhã, ele pegou alguma coisinha, nem se despediu, e foi embora. E começou a consultar, visitar, ver e vivenciar, *n* ascetas. Não comia, não bebia, passava frio, passava calor, vivia de trapos etc. Até que chegou uma hora que ele estava à beira da morte. Quando ele chegou nessa situação, percebeu que, por aquele caminho, não chegaria a nada, que estava morrendo e não entenderia como funciona o Universo. Aí, ele sentou-se debaixo de uma árvore e o milagre aconteceu. Uma pessoa veio e deu um pouco de comida para ele. Outra veio e lhe deu água. E, nessa hora, a mente dele se expandiu, iluminou-se.

Iluminou-se é um termo errado porque, na verdade, a luz já está dentro o tempo todo. É que a pessoa não deixa a luz vir à tona, a luz brilhar, ela recobre toda a luz com seu ego. Quando Siddharta desistiu e relaxou, aí ele entendeu. Foi quando ele desistiu do mundo? Não. Quando desistiu das ilusões que tinha em relação ao mundo. Ele não renunciou ao mundo. Renunciou às ilusões que havia em relação ao mundo. É totalmente diferente.

Quando se fala para um empresário: “Relaxe, que os negócios andam”. Não consegue, ele coloca mais força. E se já está dando errado, significa que ele está fazendo tudo errado. Se puser mais força em fazer errado, qual será o resultado? Mais erro ainda. Está se orientando: “Pare de fazer isso”. E a pessoa põe mais empenho naquilo que está fazendo, ela não se detém para pensar: “Eu estou criando essa falência. Então, preciso parar com isso”. Não. Colocam mais força. Quando vai à falência total, no dia seguinte, senão no mesmo dia, os negócios andam. Aparece o dinheiro, aparece o capital, aparece o cliente, tudo funciona. Aquilo que vinha sendo tentado há anos e anos de desespero, de luta, de batalha, acontece num instante. Mas, quando ele foi à falência. Quando perde tudo, e então desiste, aí o Universo pode trabalhar, o Tao pode trabalhar. Vejam que desperdício. É preciso chegar ao extremo da falência, ao extremo da doença, às portas da morte, para desistir, para que as coisas comecem a melhorar?

É o Efeito Zenão. Ficam dez anos tentando, e desiste; no dia seguinte... É assim em tudo. Mas, por que a pessoa não cede o controle? Por medo? Medo de quê? Se a pessoa entrar no medo, bem fundo, muito fundo, lá no fim ela vai encontrar o quê? Amor. Mas, não passa pela cabeça da pessoa que exista uma coisa dessas. Que, se ela penetrar bem fundo no medo, lá, depois de tudo, existe o quê? Amor. Então, ela tenta, e põe força. Quanto mais força, menos resultado tem.

O Tao já está o tempo todo, dentro de nós. Ele nos respira. Como as bactérias vivem dentro de nós, hóspedes nossos, nós vivemos dentro dele. Portanto, é uma luta inglória resistir. Quanto mais resistir, mais infelicidade, mais dor terá. Quanto menos resistir, isto é, aceitar, mais felicidade, mais alegria, mais realização em tudo. O óbvio ululante, como se fala. Se não existisse o Buda, *Lao Tzu* seria grego. Ninguém saberia que isso existe. Mas, dois mil e quinhentos anos depois, é extremamente patológico a resistência a isso. É de um masoquismo extremo. E tenta-se todo tipo de atalho para evitar ter contato com o Tao. Você quer carro, casas, apartamentos, aviões, iates, dinheiro, saúde e procura todo tipo de atalho para conseguir isto sem se envolver com o Tao. Sem aceitar de jeito nenhum.

Bom, como a roda gira, e a galáxia também gira, de vez em quando é preciso fazer uns ajustes. Então, hoje tenho um recado a todos os presentes, as pessoas de casa: a *tal* data 2012 não significa absolutamente nada. Tudo que iria acontecer em 2012, já está acontecendo. Todos os alinhamentos etc. já foram feitos e estão totalmente operacionais. A energia está sendo transferida para o planeta em tempo integral, sem parar, e provocando todas as mudanças necessárias. Esqueçam 21 de dezembro de 2012, porque não vai acontecer absolutamente nada. Já está acontecendo. Entrem na Internet e olhem os *sites* de notícias, jornais, revistas etc. Quem tem olhos, veja. Mas, existe um detalhe. A energia que está entrando é para que as pessoas tenham consciência do Todo, vivenciem o Todo. Vi-ven-ci-em. Não, simplesmente, “ouvi falar”. Isto tem que passar a ser parte integrante da vida diária da pessoa. Caso a pessoa se recuse a agir, tornar-se-á cada vez mais insuportável não fazer nada. Ponto. Está bem claro? Caso se recusem os sete bilhões de humanos, a fazerem, ficará cada vez mais insuportável viver não fazendo nada.

Quando, na Ressonância, é solicitado um arquétipo X, que é um grande realizador, ele entra e se aloja na onda da pessoa. A pessoa assimila toda a informação. Aquele é um arquétipo de ação. Se a pessoa não quer fazer nada, gera um conflito. Todo conflito gera um atrito. Esse atrito gera uma somatização. Então, começa a acontecer uma série de coisinhas, quando a pessoa resiste a fazer, a agir. Vocês se lembram do caso Abraham Lincoln? A pessoa pede esse arquétipo e não faz nada com isso. Cria um atrito. Agora, isso é um arquétipo. Imagine você receber, vinte e quatro horas por dia, todos os dias, *ad infinitum*, a energia do Todo; a consciência do Todo, querendo agir. E você resistir; “puxar o freio”. Ficar um tanto quanto incômodo com o passar do tempo. Um ano, dois, cinco, dez, vinte, cinquenta. Tem tempo para o Universo. Não há tempo para os humanos, que vivem setenta, oitenta, noventa, cem anos. O tempo urge. “Empurrar com a barriga” não adianta nada. O problema persiste *ad infinitum*. Não existe descanso eterno. Assim que parar a última batida do seu coração, nesta vida, o problema continua intacto, o mesmo, e maior. Porque, numa dimensão que vibra mais rápido, tudo acontece mais rápido. Portanto, se aqui você criava uma somatização criará dez, do outro lado. O problema aumentará. Quer acredite, quer não acredite.

Como as formigas de um formigueiro num terreno, podem ignorar a existência do dono do terreno? É catastrófico. Se elas soubessem os planos do dono, rapidamente, procurariam outro terreno e construiriam um novo formigueiro; todas as formigas mudariam antes que o trator passasse por cima do formigueiro, pois ele vai construir uma casa. Mas, as formiguinhas ficam felizes da vida em sair, procurar alimento e voltar para casa carregando as folhinhas, e está tudo certo. Qual é a situação atual da humanidade? Alguém passou e pisou no formigueiro. As formiguinhas, que estavam por aí, já não sabem para onde voltar. O que acontece com elas? Todas debandadas, correndo para todos os lados, sem destino, sem saber o que fazer da vida. Essa é, literalmente, a situação da humanidade atual em relação à evolução cósmica do planeta.

Sete bilhões, para todos os lados. Dependendo da personalidade de cada formiga, você tem n eventos, dos mais variados tipos. Como o norueguês, que resolve matar mais de noventa pessoas, porque não concorda com uma política de governo. É uma formiguinha bem esquizofrênica, que não tem a menor ideia de que existe o Tao. Como é que dá para saber isso? Basta olhar a foto dele assim que saiu do Tribunal, onde depôs durante uns vinte minutos. O grau de felicidade que ele demonstra no sorriso, perante as câmeras, após o que fez. Vocês viram? Entrem na Internet e deem uma olhadinha, existe a foto: ele no carro, feliz da vida porque matou, se não me engano noventa e seis pessoas. Se ele soubesse o destino que o espera, daqui a poucos anos, e o quanto irá custar à reparação disso, ele não riria tanto. Mas, deve ser um bom materialista, que não acredita em nada; então, acha que a solução é pelo ódio.

Por outro lado, como tudo é relativo, essa pessoa poderá, num futuro não muito distante, evoluir e iluminar-se, muito mais rápido do que os mornos. Ele agiu, tem convicção tão forte, acredita que tem que fazer e faz. Ele mata noventa e seis pessoas porque acredita. Ele age, ele faz. Esse ato provocará horripilantes consequências para ele. As horripilantes consequências farão com que ele acorde rapidamente. Porque a dor é altamente instrutiva. Rapidamente, ele perceberá a bobagem que fez e poderá começar a reparar o dano. Dentro de certo tempo, há uma boa possibilidade de que ele faça parte ativa do lado dos trabalhadores do bem. Enquanto os que estão na zona de conforto, poderão ficar cinquenta, cem, mil anos, um milhão, sabe-se lá quanto, porque não se faz não se age. Ficar cada vez mais insuportável por causa, também, dessas situações. Não dá para ficar na Noruega para o resto da eternidade, na “santa paz”, felizes, com um padrão de vida altíssimo etc.; para o Terceiro Mundo lá parece o céu – e aconteceu uma situação dessas. Todos os habitantes da Noruega são obrigados a repensar sobre a vida. Foram tirados da zona de conforto, através de alguém desequilibrado. Mas, como de tudo se extrai o bem, dessa ação dele resultará grande expansão de consciência para o mundo inteiro.

Vocês estão vendo que existem inúmeras formas, de se tirar o planeta da zona de conforto, e as pessoas se mexerem, queiram ou não queiram. Se não é pelo amor, é pela dor. E, como você não está

sozinho no planeta, existe mais sete bilhões, você é obrigado a conviver com essa população toda. E dentro desses sete bilhões existem muitos paranoicos, esquizofrênicos, psicóticos, *serial killers* etc. A quantidade é gi-gan-tes-ca. É muito fácil se deparar com alguém assim, durante a vida. Ou você se equilibra, se harmoniza, eleva sua vibração, ou fatalmente, mais cedo ou mais tarde, terá que se relacionar com alguma situação criada por essas pessoas.

Enquanto houver uma única criança no mundo passando fome, não haverá paz, não haverá sossego, não haverá prazer, não haverá harmonia. Não é aqui, em Santo André. Na África, na Ásia, na Amazônia, em qualquer lugar. Enquanto não for resolvido, a transferência de informação continuará, sem parar. E cada vez mais insuportável e muito mais difícil viver.

Vejam o que está acontecendo nos relacionamentos. Achem que é possível pensar assim: “Achei uma pessoa, me tranco em casa, crio meu universo particular, feliz da vida, e esqueço o resto?” Já viram como é que está essa situação no planeta. É claro, como isso é vital, é o segundo degrau de Maslow, tenta-se, freneticamente, resolver o problema. E, quanto mais se tenta, menos se resolve.

Uma pessoa perguntou: “Quando é que vai sair o Livro de Relacionamentos?” Ele já está na pauta, mas é impossível aplicar o seu método. O método está no DVD de Relacionamentos (*Amar – A Bioquímica do Amor*). E por que é impossível aplicar a metodologia, o protocolo bioquímico neuronal, que está descrito no DVD? Não é “achômetro”. É neurologia, bioquímica cerebral. Por que é impossível? Porque, atrás daquela metodologia, existe uma filosofia Zen Budista Taoísta: solte, espere, tenha paciência. Infinita. Paciência infinita. É assim que se vai aprender a viver com o Tao. E a ter os resultados que vocês querem. Paciência infinita. Não se está falando de um ano, nem cinco, nem dez, é in-fi-ni-to. Infinito. É preciso aceitar o Tao como ele é e esperar. Pacientemente, sem revolta, reclamação, sem xingar, sem maldizer, sem bater o pé, que nem uma criancinha de três anos de idade que vai ao *shopping* e quer uma coisinha qualquer, faz aquelas birras e rola no chão, grita como um desesperado e sapateia. Grande parte da humanidade não passa dos nove anos de idade até agora, porque faz a mesma coisa. O que está atrás de toda aquela tecnologia do relacionamento é es-pe-rar. Esperar porque existe um ponto ótimo onde a energia pode acontecer, um ponto ideal onde toda fórmula bioquímica acontece. E quando se cria a fórmula bioquímica, acontece o sentimento. O sentimento tem uma contraparte todinha bioquímica. Se vocês não estivessem num corpo físico, não valeria essa regra. Mas, como todas as pessoas vivas, deste lado da dimensão, estão sujeitas às regras bioquímicas, biológicas.

Para surgir um sentimento, é preciso que haja tempo, um *delay*, um mês, dois, três, seis, dez, um ano, um ano e meio, cinco anos, dez anos. Não existe prazo definido. Não existe, é dinâmico. Isso pode acontecer muito rapidamente ou pode demorar. Depende. Mas, não adianta pensar: “eu sou a exceção da regra; o Hélio falou que é muito rapidamente, então é três dias, no meu caso. Agora, o do resto, ah, é dez meses, um ano, mas no meu caso três dias, um dia, dez minutos”. Nesse caso, o que acontece é só desilusão. Lembra-se? O Buda renunciou às suas ilusões sobre o mundo. Não sobre o mundo em si. Ele continuou vivendo do mundo, mais quarenta e dois anos, renunciou às suas ilusões. O que o DVD mostra é isso: é necessário renunciar às ilusões sobre como é e como funcionam os relacionamentos afetivos no planeta Terra. A “visão romântica” da vida, o cavaleiro branco, o rei Arthur, a Távola Redonda; se renunciar a esta ideia, você volta para a realidade e começa a trabalhar em cima de como o Tao funciona. E sempre que se adequa ao Tao, o resultado é certo.

O Tao é puro amor. Como esses sete bilhões não conseguem isto, com raríssimas exceções? Porque estão contrariando, totalmente, a essência do Universo. É o óbvio. Porque, se tudo, a cadeira em que estão sentados, é feita de puro amor, e um dia os físicos descobrirão essa partícula e darão o nome, pode ser que deem outro nome, mas o fim do fim do fim do fim, aquilo que emerge do Vácuo Quântico, é amor. O Tudo que existe é amor. Então, é muito fácil encontrar amor, se fizer direito. Como é muito fácil comprar casas, carros, apartamentos, qualquer coisa que vocês queiram. O gerente liberar o cheque

especial, o prefeito pagar o precatório, passar no concurso. Bastaria aprender como funciona o Tao. Como ele pensa, como sente, como age. E, falando do jeito do Hélio, *entrar em fase* com o Tao. Aí, a transferência de informação, amplitude e comprimento de onda. Você se transforma no...? No Tao. Se você entrar em fase com ele e deixar que a informação dele flua 100% através de você, você se tornou, literalmente, o Tao. Ou, falando de outro modo, um Buda. O Buda é aquele que desapareceu e o Tao apareceu. Quando se fala desaparecer, fica parecendo, para o ocidental, que vai sumir, no nada, não é? “Vou me desintegrar.” Não é nada disso. Essa é a ideia que parece, mas à medida que você sai de lado e deixa o Tao atuar, rapidamente começa a emergir dentro da pessoa o êxtase. Êxtase divino, infinito e crescente. A experiência é infinita. As vivências são infinitas. As vidas são infinitas. E o êxtase é crescente. Quanto mais consciência se tem, mais êxtase se tem. O medo é totalmente irracional. Porque, quanto mais você deixar com que ele atue, mais feliz você fica. Por isso, a informação que está entrando, visa facilitar o processo, já que levaria *n, n* milhares e milhões de anos pelo método normal de tentativa e erro, resolveu-se, nas instâncias superiores, acelerar o processo, considerando que as formigas estão, totalmente, perdidas depois que o formigueiro foi destruído.

Será que ficou claro o que significa agir, fazer? Que a onda que está entrando está trabalhando para que se faça, e se não fizer vai ficar muito desconfortável? Será que é para eu comprar mais carros, mais casas, fazer mais viagens etc.? É para fazer tudo que for necessário, para entrar em fusão com o Todo. É para isso. Qualquer atividade que não contribua para isso é nada, nada. Não agrega, não melhora, não acontece nada. Ao contrário, assim que a pessoa se fundir, todas essas questões serão resolvidas ultrarrapidamente. Mas, se não entender isso, se não sentir quem é o Tao, não faz nada.

Quando o Buda iluminou-se, voltou para casa. Chegou lá no palácio e escutou um sermão da sua mulher. Ela estava muito brava, porque já havia passado doze anos, o filho dele tinha doze anos; foi embora sem avisar ninguém. Ela disse: “Você não precisava ter feito isso. Eu deixava você ir, mas você devia ter falado”. E o pai dele também fez outro sermão. O que ele disse? “Fiz isso porque, se eu acordasse você às cinco da manhã para ir embora, não teria forças para fazer. Eu não estava pronto. Então, eu iria titubear e não iria procurar a verdade. Por isso, agi assim. Hoje eu sei que poderia ter conseguido a iluminação aqui mesmo no palácio, não precisaria ter saído; não precisaria ter passado fome, sede, me açoitado, não precisaria ter sofrido, para ter a iluminação. Mas isso é hoje”. E, naquele mesmo dia, ele iniciou os três – pai, mulher e filho -, e todos se tornaram seus discípulos, porque eles pediram. Ele não obrigou ninguém. Eles viram o grau de beatitude que havia em toda a presença do Buda. Isso também foi altamente instrutivo. Ninguém precisa ir para lugar algum, para um refúgio, para fora do mundo, para ter espiritualidade ou atingir a verdade, fundir-se com o Todo, viver o Tao. É onde você já está. Só que essa busca tem que ser a prioridade máxima da vida. As pessoas que entenderam, já estão num degrau acima, quando ouvem falar do Tao, lutam arduamente para conseguir a iluminação. Elas fazem tudo o que é preciso para conseguir isso. É a única coisa na vida que importa. Isso para os espíritos que já estão alguns degraus acima, que conseguem entender que o êxtase é maior do que tudo. Então, procuram de todas as formas e pagam qualquer preço para conseguir.

Lembram-se da parábola da pérola? É isso que diz aquela parábola. Você descobre um tesouro, faz de tudo para conseguir o tesouro. Quem está no nível médio, acha que entendeu, mas continua inconsciente. E quem está num nível mais baixo ainda, ri, dá risada. Ri das pessoas que se iluminaram e estão se iluminando. Riem. Um riso bem esquizofrênico, bem de doença mental.

Um grande mestre do Tao vivia na época de Confúcio. A China toda é baseada em Confúcio, que era um grande moralista, organizava as sociedades, as regras. Confúcio ouviu falar tanto daquele mestre que foi visitá-lo. Assim que ele chegou e trocou algumas palavras, disse aos seus acompanhantes: “Fujam deste homem. Ele é o próprio abismo, a própria morte”. Ponto. E nunca mais voltou a ter contato com ninguém do Tao. Entenderam? E Confúcio era um grande erudito, um grande intelectual. E considerou uma pessoa do Tao da maior periculosidade possível e imaginável. Dois mil e tantos anos atrás. É assim que o mundo vê as pessoas que se iluminam e que procuram a iluminação. Ele identificou,

imediatamente, o perigo que representava para o *status quo* da sociedade chinesa, daquela época, a influência que teria o Taoísmo. Então, vocês veem, o poder sabe identificar, clara e rapidamente, onde está o perigo para sua própria manutenção. E as pessoas do povo não conseguem, sequer, perceber que ali há algo diferente. É por essa razão que toda mudança, até agora, acaba da mesma maneira. Percebe-se que um Gandhi, um Nelson Mandela, um Martin Luther King, rapidamente, vai afetar os interesses dominantes. E a população não dá a mínima para nenhum deles. Aí, fica fácil fazer “assim” (*estalar os dedos*) e eles desaparecem deste lado da dimensão. E isso acontece seguidamente. Por quê? A presença do mestre, do iluminado, dos Budas, incomoda demais. Porque, na presença do Buda, você não tem como “empurrar com a barriga”, levar tudo de qualquer jeito, você precisa olhar para dentro. Só pelo fato de existir, ele provoca isto. A energia dele, falando de outro jeito, provoca essa conscientização. Dizem que a aura do Buda alcançava trezentos quilômetros. Quando se mede a aura de uma pessoa, vê-se que tem setenta centímetros, um metro, um metro e meio. A de Buda tinha trezentos quilômetros!

Quando o trem que estava Gandhi parava na Índia, numa cidadezinha, no meio do campo, ele ia à porta para falar, tinha cem mil pessoas em volta do trem. Cem mil pessoas em volta do trem. Sem alto-falante, sem microfone, sem nada. Ninguém escutava nada do que ele falava, só os próximos. E juntavam cem mil pessoas, para vê-lo de muito longe; imaginem a distância. Tal era a aura dele.

Um Buda não precisa falar nada, não precisa fazer nada. *Lao Tzu* passou a vida inteira, quieto. Não escreveu nada. Aí, o imperador ficou desesperado com aquela situação e mandou uma ordem para toda a fronteira da China, dizendo: “Se este homem tentar atravessar a fronteira deve ser detido e só liberado após escrever o que ele acha da vida”. *Lao Tzu* não queria enterro, túmulo, monumento para ser cultuado, nada disso. Porque ele entendia quem é o Tao. Ele não queria estátua alguma de si próprio. Então, o que ele fez? Quando chegou numa idade avançada, falou: “Vou embora e vou morrer sozinho lá no Tibete, nas montanhas, e ninguém saberá o que aconteceu comigo, jamais”. Portanto, sem túmulo. Ele foi até a fronteira e, imediatamente, o guarda o reconheceu, porque o guarda também era um discípulo dele, e disse: “Você só pode passar se escrever o que pensa da vida. Aqui está o papel. Pode escrever”. Durante três dias ele ficou lá e escreveu o *Tao Te Ching*, rapidinho, para poder ter passagem. Então, aquilo que vocês têm até hoje foi às pressas, nada intelectual. Ele simplesmente pôs sua vivência sobre o Tao ali. E o *Tao Te Ching* é pura Mecânica Quântica. O que ele diz? O Tao não tem nome, mas vocês podem dar um nome qualquer. Podem chamar de Dharma, de Tao, de Deus, de Nirvana, de qualquer coisa, qualquer nome serve. É uma energia. Permeia tudo e sustenta tudo. E não se precisa fazer nada para ela sustentar tudo. Fim. Ponto.

O que é o Vácuo Quântico? É exatamente o Tao que *Lao Tzu* falou. O mesmo. Se ele tivesse uma descrição de um acelerador nuclear lá de Genebra, teria falado uma linguagem de física de 2000. Não tinha essa linguagem, mas ele vivenciava, sentia. Ele não precisava de técnica, de laboratório, de matemática, de nada disso. Sentia o Tao, isto é, ele sentia igual. Ele já estava em fase com o Tao. Por isso que ele sabia como era. Agora, quando hoje em dia se fala “Vácuo Quântico”, e se explica isso, como já acontece em algumas dezenas de livros, o que a pessoa sente em relação a esse nome, quando se fala “o Vácuo Quântico”? A pessoa entende que é o Todo? Sente que é o Todo? Não sente. E não sente, se falar “Vácuo Quântico”, se falar “Tao”, se falar... Dá na mesma. Só que, hoje, há prova científica, tem evidência, tem laboratório, tem pesquisa, tem provas de como ele é, como pensa, como funciona, como age, como sente. E isso é que é dramático. Hoje já não depende mais de um místico, de um Buda, para que a pessoa possa se iluminar. Basta que ela estude Mecânica Quântica. É por isso, que se chegou ao fim da história. Por que existe essa história de 2012? E, interessante. Acertaram “na mosca”. Os maias, há muitos séculos e séculos, acertaram “na mosca”. Isso já deveria ser suficiente para “levantar a orelha” de todo mundo, não é? Porque eles fizeram uma previsão 100% certa. Quem criou as ideias das catástrofes foram os humanos. Os maias só disseram que é uma mudança de era. Era. Só isso, mais nada. O que é uma mudança de era, falando de outro jeito? Uma mudança de frequência. Ponto. Só isso. Então, está em andamento a mudança da frequência. Para que o máximo de pessoas possível possa se iluminar. Desse modo, você chega a uma época de uma humanidade, em que é possível ter a Mecânica

Quântica dissecada em larga escala, não toda ainda, mas em larga escala, com provas mais do que suficientes que aquilo que se fala sobre o Tao é real – Tao e Vácuo Quântico é o mesmo.

Quando os budistas chegaram à Índia, começaram a trocar ideias com outro mestre, Taoísta, e já existia um mestre Budista. Encontraram-se e começaram a conversar: “Eu penso assim, assim, assim e assim, da realidade. E você?” O outro falou: “Eu também penso assim, assim, assim. É igual. A gente pensa a mesma coisa. Então, o que você chama Dharma, nós chamamos Tao. É a mesma coisa. Nós estamos falando do mesmo fato, com nomes diferentes.” Pronto, foi uma festa. Uma festa. Mesmo. Porque eles se reconheceram. “Você usa, você descobriu a mesma coisa que eu.” Festejaram. E aí o Budismo pôde entrar na China, sem problema nenhum; rapidamente os chineses se tornaram budistas e, dessa fusão do Budismo com o Taoísmo, é que surgiu o Zen. O Zen é a fusão dos dois, que aconteceu quando houve o contato das duas ideias dentro da China.

Comparem esta situação com o Ocidente. Você tem uma ideologia e entra em contato com outra civilização, que tem outra ideologia diferente da sua. O que você faz? O que foi feito? “Temos que converter o infiel, isto é, aquele que não pensa como nós.” Ou, dito de outra forma, “quem não é do nosso lado, é contra nós.” - George Lucas, Terceiro filme da Segunda Trilogia – Final, onde ele luta com um *Sith*. “Se você não é a meu favor, é contra.”

Vejam a diferença. Lá, só houve fusão, alegria, crescimento, evolução. E, do nosso lado, um precisa exterminar o outro para impor uma ideia. Quando duas civilizações que entenderam o que é o Tao tiveram contato, só houve harmonia, paz e alegria. “Cai essa ficha”? Um entendeu quem é o Tao, o outro entendeu, eles se encontraram e é só festa. Felizes, êxtase. Agora, você tem um que não entendeu quem é o Tao, e tem o outro que também não entendeu quem é o Tao, quando eles se encontram, há um choque. É preciso exterminar. Só esse fato serviria para alertar de que “existe algo de podre no reino da Dinamarca.” Então, nós temos casos reais neste planeta, onde tudo dá certo e onde tudo dá errado. E por que deu certo? Deu certo porque as pessoas sentiram e vivenciaram quem é o Tao, quem é o Todo. Foi muito fácil para eles sentirem. Não houve conflito algum. Porque um já está vivenciando, o outro também. E esse é o problema de um Buda transferir o conhecimento para outra pessoa. Esse é o problema. Porque não dá para transferir por palavras. Embora, tenha que se tentar... Mas não dá para transferir por palavras. *Lao Tzu* disse: “O Tao não pode ser explicado. Tudo o que eu escrever não adianta, não vai servir para nada. Mas vocês querem que escreva, eu escrevo. Porque o Tao só pode ser passado como vivência. Se o outro está preparado, já se elevou o suficiente, consegue sentir o que o Buda está passando. Em milhares de discípulos, só um viu, porque só um entendeu isso. Só um sentiu o Tao, que o Buda estava sentindo. O Buda estava em êxtase. Com a flor na mão, em êxtase. É falar o quê? Ele chegou, sentou, horas depois ainda estava sentado, em êxtase. Na cabeça dele, falava: “Vou explicar o quê”? Não há nada para explicar. Ou eles sentem ou não sentem”. E, horas depois, um deles sentiu, entendeu, viu o que o Buda pensava. Viu o que estava acontecendo, sentiu a mesma coisa, e então caiu na gargalhada. O Buda deu a flor para ele, porque foi o único que entendeu. Porque o conhecimento é passado no silêncio. Não há necessidade de barulho, de nada.

Lembram-se quando falo: “Coloque o CD e aperte o *play* e volume zero”? Todos ficam perplexos com isso. É necessário explicar *n* vezes. “Entendido?” “Está.” A pessoa sai da sala, vai à outra sala: “Como é que eu ponho para tocar o CD?” Vão lá perguntar, como é que põe para tocar o CD. Mas já orientei: “É volume zero, dê *play* e vá embora.” O GPS está a trezentos quilômetros de altura, o satélite. Você está ouvindo algum GPS, está ouvindo algum som de GPS aqui nessa sala? Das rádios, das televisões, dos celulares, que todos estão passando aqui, um banho eletromagnético? Ninguém está escutando nada. Portanto, a informação é passada no silêncio. Não precisa de barulho algum para passar. Não é som, é uma frequência. O Buda fez a mesma coisa. Ele estava sentado, paradinho, quietinho, passando informação. Ele estava passando informação. Lembram-se? Energia é igual a informação. Igual a informação. É a mesma coisa. Ele quietinho, com sua aura de trezentos quilômetros, estava abarcando todo mundo e estava passando informação para todos. Falando de outro jeito, ele estava baixando um

download do Buda em todas as pessoas que estavam ali, para falar a terminologia moderna de Ressonância. Estava baixando um *download*. Agora que está sendo feito um *download* cósmico no planeta inteiro, o Buda estava fazendo isso com aquelas milhares de pessoas que estavam ali. Ele não precisava falar nada. E todo mundo super inquieto. Já não se aguentavam mais, porque, imaginem: uma hora, duas, três, ele não abre a boca, todo mundo se revirando. Isto porque eram discípulos, que deveriam estar treinados para ter disciplina, de ficar quietinhos enquanto o mestre estava lá.

Quando Buda se iluminou, surgiu a seguinte questão: “E agora? O que vou fazer? Ninguém vai entender”. Então, ele sentou de frente para a parede e ficou meditando, sete dias. Depois de sete dias, os deuses ficaram preocupados e foram conversar com ele. Falaram: “Olhe, entendemos, exatamente, o que você está sentindo”. O Buda respondeu: “É praticamente impossível. Ninguém vai entender o que explicarei a eles.” Os deuses disseram: “Você tem razão. É difícil, mas, racionalmente, logicamente, você não pode afirmar que nenhuma pessoa no mundo entenderá o que você quer falar”. O Buda teve que concordar com eles. Falou: “É, eu sou obrigado a concordar. Existe uma probabilidade de que uma pessoa possa entender.” Eles responderam: “É isso que pedimos para você. Passa para um. Se um conseguir entender o que você está falando, estamos satisfeitos”. Ele disse: “Está bem. Vou viver mais quarenta e dois anos e passar esse conhecimento para todos, para tentar achar esse um”.

Foi o que ele fez. Começou a divulgar. Muitos anos depois, Ananda era um discípulo, parente dele, que queria ter uma conversinha mais particular com o mestre. Eles foram a uma floresta, passeando, andando e Ananda perguntou para ele: “Mestre, você já explicou para nós tudo o que você sabe?” O Buda abaixou – era uma floresta – o Buda abaixou no chão, pegou algumas folhas e falou: “Olhem, o que eu passei para vocês está aqui nessas folhas (meia dúzia)”. Vocês entenderam? Imaginem a floresta. Ananda ficou quieto. Os físicos falam isso de outro jeito: “O Universo é muito mais fantástico do que você sequer pode imaginar”. Perceberam o alcance disso? Se expandir a sua imaginação, ao máximo, você sequer chegou perto das possibilidades do que é.

Quando, em Neurolinguística, se fala: “Você tem o mapa e o território” – o mapa é o que nos ensinam aos dois, três, quatro, cinco, seis, sete anos de idade, e o território é a realidade. Se você jogar o mapa fora e aprender como é a realidade, você começa a obter resultados. Pura Neurolinguística. Porém, na questão do Tao, é mais complicado. Porque o mapa é dinâmico. O território é dinâmico. O território muda o tempo todo. Nunca há algo claramente definido. Você nunca tem regras estritas. É assim. Não *pode ser* assim. Nunca existe isso. Porque o Tao evolui, o Tao muda, o Tao cresce, o tempo inteiro. Então, o território muda o tempo inteiro. O que precisa fazer? Está numa corrida contra o tempo, em forma de falar, para aprender, o máximo possível de como o Tao é e entrar em fusão com ele, e mudar junto com ele. Por isso, que a humanidade encontra um livro escrito há três mil anos, quatro, cinco mil anos; todo mundo tem livro. E ali está sacramentado o que é. Aquilo é uma fotografia, se tanto, tirada de um instante do *continuum* espaço-tempo de cinco mil anos atrás. Fotografou. E a mutação continua? Então, não adianta pegar aquela foto e dizer: “Olha, é desse jeito que está aqui. Saia procurando o território”. Já mudou n elevado a n , n , n , n . E continua mudando. Por isso que existe uma regrinha para resolver o problema de que o território é mutante; e se o território muda, quem está antes e tirou a fotografia, vai falar: “Não, espere, não é assim. É assim”. Então, extermina.

Para resolver isso, foi dado um conselho, sugestão: “Não julgueis”. Ponto. “Não julgueis.” Porque, senão, a pessoa cai nessa situação: é um infiel, é um pecador, e se queima, mata, extermina. Se a pessoa sente, sente que o Tao muda o tempo inteiro, se ela sente isso em todas as células do seu corpo, se ela vibra junto, ela não faz julgamento algum, porque sabe que o Tao muda o tempo inteiro. Porque o Tao é o Vácuo Quântico, e o Vácuo Quântico é algo que ferve.

Se assistirem os dois DVDs do Brian Greene e pesquisarem o seu livro “Universo Elegante”, há um desenho mostrando o que é o Vácuo Quântico segundo a concepção da Física. Como se fosse um caldeirão, se mexendo, borbulhando, o tempo inteiro. Claro, ali se dá uma ideia bidimensional, certo? Há

uma panela que está fervendo com todas aquelas bolhas se mexendo. É preciso abstrair um pouco isso. É necessário pegar toda a realidade, vamos supor como se fosse uma bolha, e esta bolha está em ebulição o tempo inteiro. Uma bolha. Só que essa bolha tem conteúdo dentro de si. O tempo inteiro se mexendo. E, cada vez que se mexe, agrega informação, porque energia é igual à informação. Quando ele se mexe, gera informação, pois para ele se mexer precisa gastar energia. Então, toda vez que ele gasta energia, ele gera informação. Aí, ele cresce, aprende, evolui, diversifica infinitamente, o tempo inteiro, de maneira infinita. Imaginem algo infinito que se multiplica. Com que velocidade? Infinita, também. Por isso que é onipotente, onisciente e onipresente. Se estivesse fora, não poderia ter isso. É porque é o Todo. Ele está em todos os lugares. Sabe tudo porque está em todos os lugares. E pode tudo porque está em todos os lugares. Aí, um ateu vira e fala assim: “Quer dizer que o seu ‘Deus’ está debaixo da sola dos meus pés?” É assim que raciocina o materialista. “Sim, está, também. Tam-bém”.

O Zen, quando chegou ao Japão, foi integralmente e imediatamente aceito pelos japoneses, e puseram o Zen em tudo. Começaram a aplicar o Zen, viram que podiam fazer meditação – porque Zen é meditação. Podiam fazer meditação atirando flecha, lutando com espada, fazendo, literalmente, qualquer coisa, servindo o chá. Qualquer coisa pode ser feita no estado meditativo, quando você já chegou à consciência de que “quem é que está servindo o chá? Quem é que está lutando espada com quem? Quem é que está atirando a flecha? Quem está observando atirar a flecha? Quem é o alvo? Quem é a flecha?” Quando essa consciência já apareceu, a flecha chega sozinha no alvo. Quando dois mestres Zen lutam espada, ficam horas e ninguém ganha. Empata. Porque é impossível que eles percam. Quando um faz um gesto, o outro já se antecipou a ele e vice-versa. E isso dura o tempo que for até eles se cansarem. Aí eles param, porque fizeram aquilo para se divertir, crescer. Se você tem uma habilidade de maestria num instrumento, para crescer mais ainda, você precisa praticar com alguém de igual capacidade; os dois crescem e ninguém se fere. E estou falando não é de espada de plástico, nem de madeira, nem de brincadeira. São espadas reais, afiadas para matar. Porque, senão, é o quê? Senão, não tem graça. Se vamos brincar de espadachim com espada de plástico, qual é o crescimento que estamos tendo? Ele só é mestre Zen porque sabe que sua vida está em risco. Se ele não se aplicar, morre. Mesmo, mesmo. Então, quando ele está lutando, o que acontece? Por que é uma meditação? Porque é tão rápido que a mente não consegue mais administrar a luta. Então, a mente sai, tira o ego, e fica o Tao. É o Tao que está lutando, com o outro Tao também. Caso não fosse assim, um dos dois morreria. É quando o ego “sai fora”. Os japoneses entenderam isso. Se tirarmos o ego, nós podemos servir chá com perfeição absoluta, podemos atirar flecha, podemos fazer qualquer coisa, literalmente, qualquer coisa.

Vejam, é uma consciência extremamente acima da consciência normal. Quando se fala “fazer qualquer coisa”, inevitavelmente abrange tudo. Tudo. E sexo? Como é que se faz sexo Zen? É uma meditação. Essa é a diferença. Exteriormente, talvez você não note diferença no ato. Ex-te-ri-or-men-te. Mas, a qualidade interior é outra, de um Buda. Ou vocês acham que o Buda não fazia sexo? Iluminou-se, espiritualizou-se e passou a negar a realidade? É o contrário. Ele tirou a ilusão do mundo. Ele continuou no mundo. Porque agora o Buda tem muito mais amor, porque o Todo flui através dele. Não é mais ele, não existe mais Siddharta Gautama, não existe mais ele, pessoa física. Não existe mais. Só existe o Buda. Então, o que acontece quando um Buda se ilumina, sexualmente? Há uma fusão dele com ele mesmo.

Lembram-se da história do “yin e yang”? Isso é puro Taoísmo. Eles entenderam claramente o conceito? Todo mestre fez isso consigo mesmo. O homem interior dele fez sexo com a mulher interior dele e esse fato gerou um ser que transcendeu e que, agora falando tecnicamente, tem 50% de *yang* e 50% de *yin*. Por que a pessoa conseguiu chegar aos 50% *yang* e 50% *yin*? Porque houve isso, houve uma relação sexual, fizeram amor ele com ele mesmo, o Tao com o Tao mesmo, ele com ele. O Tao da parte “*yang*” e o Tao da parte *yin*, os dois fizeram, dentro daquela mesma pessoa. Foi isso que gerou a transcendência. Aí, mudou tudo. Toda a concepção mudou. De amor, de sexo, de tudo. E então o que acontece com o Buda? Ele transborda amor. Por isso, o Mestre disse: “Não julgueis. Não julgueis”. Porque você não tem, toda a informação para tirar a conclusão. Simplesmente por isso. Não tem toda a informação para falar: “Este é isso, esse é aquilo, aquilo lá ...,” Não tem. Assim, qualquer julgamento e

qualquer condenação não têm sentido. Agora, é claro que, quem entende quando um Buda fala? Só aquele que está vivenciando também, ou muito perto, porque aí a troca é silenciosa, não precisa se falar absolutamente nada, lembram-se? Então, não há julgamento. Porque é silêncio. Não há necessidade se provar nada. A qualidade interior do fato modificou-se completamente. E isso é fácil de observar. Até no cinema. Se há uma cena em que existe amor e ternura, é um Buda. Se não existe isso, é um ser não iluminado. Ficou fácil de fazer umas avaliações cinematográficas. Fica muito fácil saber quem é iluminado e quem não é, através da expressão de: amor e ternura. Quando não existe este sentimento, isso é muito fácil de perceber, e dá para perceber antes – então, atentem ao detalhe: an-tes, porque dá para perceber isso tomando um café, por exemplo.

Quando o Hélio fala, no DVD (*Bioquímica do Amor*): “Convide para tomar café”. Um café, dois, cinquenta cafés, trezentos cafés, quantos cafés forem necessários. O que você está fazendo? Você está fazendo uma entrevista, está percebendo detalhes. É como entrevista de emprego. Quando você vai fazer uma entrevista e o entrevistador fala: “Vamos almoçar juntos”; vocês acha que terminou a entrevista do emprego? Conheço pessoas que perderam a vaga só por causa disso. Porque, quando saiu da empresa e foram almoçar, o sujeito relaxou. E o entrevistador viu quem, realmente, era aquela pessoa, a forma dele se alimentar. Como é que ele pega num garfo, numa faca, como é que ele come. Porque não dá para disfarçar o inconsciente, fingir o tempo todo. Você finge quinze minutos, uma hora, duas, três, quatro horas, mas, se levar isso aí dia após dia, meses, aparece, com certeza absoluta. A pessoa não consegue. Quem é falso, não consegue fingir aquilo o tempo inteiro. Então, é só dar tempo ao tempo que aparece quem é o outro, a real personalidade dele. E isso economiza muito sofrimento, muita dor e muito dinheiro. Porque divórcio sai muito caro. Não é melhor tomar uns cafezinhos antes de gastar uma fortuna? Isso só falando de dinheiro. E o lado emocional, como fica? É muito, é ridiculamente simples, na verdade.

Agora, por que não se pode esperar um pouco antes de tomar qualquer decisão? Não, precisa ser tudo imediato. E esse imediato é por quê? Porque é uma fuga. Porque você não pode fazer a cerimônia do chá. Precisa tomar o café ou o chá no balcão, lá, rapidinho, rápido, que tem mais pessoas atrás, vamos, vamos, vamos. E assim? Então, você não pode fazer uma cerimônia do chá, em que surge como a pessoa é. Como pega num garfo, como pega numa colher, como corta a comida. Não se fala isso, popularmente? Que você sabe como a pessoa faz amor, vendo como ela se alimenta? Já não se fala isso? Há grande sabedoria popular nisso. Uma grande sabedoria. É isso, é a cerimônia do Zen, do chá. Nos mínimos detalhes você vê quem é a pessoa. Nesse caso: “Tchau, até logo, sinto muito, não estamos na mesma frequência, procure outra pessoa porque não quero perder meu tempo nem sofrer. Tchau”.

Precisa tomar quinhentos cafés? Mil, cinco mil cafés, até poder achar uma pessoa? Claro que não. Quinze segundos, você bate o olho, já sabe quem é a pessoa. Quinze segundos. Quem tem olhos. Mas isso significa o quê? Grau de consciência. Grau de consciência. Quem não expandiu, não consegue fazer essas avaliações. Então, fica tudo na tentativa e erro. É nível de consciência. Se for ínfimo, qual avaliação você consegue fazer do outro? De um candidato a emprego? Nada. É por isso que acontece tanta coisa, que se contrata e demite-se etc., e todos esses escândalos financeiros, e tudo mais. Esse é o motivo. Por erro de avaliação. Ou má-fé. Certo? Quando se falsifica um *hollerith* para se vender um carro ou vender um apartamento, não é erro de avaliação; é pura má-fé. E, se muita gente começar a fazer isso, qual é o resultado? E o que vocês estão assistindo. É o filme que está passando. Quando milhões de corretores de imóveis, milhões de vendedores de automóveis, no mundo inteiro, fizeram isso, simultaneamente, durante vinte e cinco anos. A bolha dos vinte e cinco anos que evaporou. E nós estamos começando a ver as consequências da bolha explodir. Milhões de corretores venderam apartamentos com falsificação de documentos e avaliador, fiador, cruzado. Nenhuns dos dois têm dinheiro, mas um afiança o outro. E, melhor, os dois acabaram de chegar ao país como imigrantes. Não têm teto, não têm parentes, não têm nada, e os dois compram um apartamento novinho, um afiançando o outro. E isso *n* vezes foi feito, *n*. Aí, dá no que dá. É o que está dando; se alguém não entendeu ainda o que está acontecendo. Por que a bolha explodiu, é isso. Esse tipo de consumidor, que não se poderia

financiar de jeito nenhum, cria-se um subtítulo para ele, chamado “*subprime*”, uma classificação e então, pode-se fazer. Com mais juros, é claro. Os juros têm que subir; o risco é grande. Quanto mais documento falsificado, mais juros tem que haver. É claro. No final do ano, grandes balanços, muitos bônus. E empurrar a coisa. Lá na frente se vê, *dane-se*.

E isso que acontece, quando você tem um planeta inteirinho que não quer saber do Tao. É isso. Corretores de imóveis que não querem saber do Tao. Gerentes de banco que não querem saber do Tao. Governantes que não querem saber do Tao. *Beleza*. Fazem os seis reatores (*Japão*) e põem de frente para o mar, com quatro placas tectônicas embaixo, se atritando. E ainda, põem tudo isso dependendo de um gerador *diesel*. Dá no que dá, certo? Agora, alguém, alguém levantou a questão? Não, ninguém. Foi resolvido, foi feito, implementado. Quem questionou, protestou, arguiu? Quem? Ninguém. Os mornos? Os mornos deixaram *passar batido*. “Não, tenho mais coisas para cuidar na vida. Casa, carro, apartamento... e arrumar um namorado. Não posso me preocupar com essas seis usinas lá de Fukushima. Não quero nem saber. Cinquenta e cinco? Pode pôr, façam quantas quiserem.” Certo? É assim que funciona.

Então, na prática, vocês veem que esta coisa de ficar morno, de “não quero saber, não me envolvo, não vou fazer nada, deixa correr solto”, em larga escala começa a dar isso. Num mundo de quinhentos anos atrás, as coisas levavam meses e meses, três meses para um navio ir de um lugar a outro; a Revolução Francesa já tinha acontecido há três meses quando a informação chegou aqui. Três meses. Hoje, nanossegundo, *Enter*. Nanossegundo. Hoje, não são mais operadores humanos que operam na Bolsa. São supercomputadores, com programas, inteligência artificial. São programas que operam. Porque não dá para você, um humano, lutar contra uma máquina. A máquina vai fazer operações muito mais depressa que o ser humano. Ela é capaz de avaliar o mercado, tirar as conclusões e comprar e vender as ações com muito mais lucro do que um humano. Então, a partir do momento que uma corretora implantou esse sistema, todas precisaram ir atrás. E todas compraram seus supercomputadores e todas funcionam – as grandes – funcionam desta maneira. É programa operando com programa. Parece ficção científica? É, parece, não é mesmo? Mas já é real. E quando ficam olhando e os computadores transacionando, em nanossegundos, quando um humano percebe, já foi. Já quebrou, o mercado quebrou inteirinho, aí quebrou, quebrou tudo, os bancos etc., etc., etc. Entenderam? Essa é a realidade: as máquinas dominaram o mundo. Parece filme, mas é real.

Se vocês lerem o livro do Jeffrey Satinover, “O Cérebro Quântico”, está lá. O livro inteirinho é sobre inteligência artificial, como está se construindo e se implementando, em *n* universidades, cada vez mais. Redes neurais, simulando o cérebro humano. E funcionam. Chega um ponto em que não se sabe mais por que aquilo está acontecendo. O *software*, o programa, começa a tomar decisões que alteram a si mesmo - porque tem que ser assim, é assim que o cérebro funciona -, e chega uma hora em que você não sabe mais como o programa está raciocinando. Você pode até decompô-lo, e não consegue entender como ele tomou aquela decisão. Imagine. E a ideia é fazer máquinas com um trilhão de neurônios eletrônicos e colocá-las para ler toda a Internet, para elas aprenderem como funciona o ser humano. A máquina lerá todos os *sites* que existem e então passará a operar. É um projeto japonês, que está sendo implementado. É só construir um trilhão de neurônios artificiais.

Plateia: Por que o Hélio está falando na terceira pessoa, dele mesmo?

Quando Akhenaton esteve aqui, ele falou: “Todas as pessoas que estavam em Amarna e sofreram o trauma daquela chacina, serão curadas e libertadas agora”. Talvez a maioria das pessoas presentes naquele dia tenha entendido que eram as pessoas que estavam aqui nessa sala. Aqui. A maioria não entendeu que era as pessoas que estavam na outra dimensão. Como só se pensa em uma dimensão, consideram que isso aqui é a realidade última do Universo; o tal “materialismo” científico, então, nem passa pela cabeça que mais pessoas vêm nesta palestra do que é possível ver fisicamente, com os olhos desta dimensão. “Cai a ficha”? Quando o Hélio falou: “Tem uma pessoa que entendeu”, nossa, muita

gente ficou com todos os cabelos levantados. Então, vocês veem que, a cada, a cada pergunta, colocação, alguma coisa vai sendo explicada. Já existem quatorze, hoje sairá o décimo quinto DVD, há um pedacinho da verdade em cada DVD. Você viu um e acha que já viu tudo? Ou viu três e não precisa ver mais nenhum DVD? Não percebeu que existe uma estratégia? Que o conhecimento está sendo passado em doses homeopáticas, de três horas cada uma, em cada DVD. Isso vai longe.

Lembram-se? Ele abaixou, pegou meia dúzia de folhas e falou: “Olhe, o que dá para você saber é isso aqui”. Então, até onde é possível subir, na escala do passar o conhecimento? Em dezembro ou novembro do ano passado, se não me engano na palestra “Saindo da Matrix”, foi perguntado: “Quanto de verdade vocês são capazes de aguentar, de absorver”? Foi perguntado, isso.

Essa semana um cliente comentou, na sala de espera do atendimento - depois de uns seis meses que ele está utilizando a ferramenta da Ressonância - disse: “Fui introduzido aqui da pior maneira possível, porque quem me trouxe falou: O Hélio vai fazer tal coisa”. Vim pensando que era só para obter tal coisa. Depois que assisti ao DVD “Saindo da Matrix” fiquei perplexo. Agora eu quero mudar tudo. Toda a minha abordagem, a forma de tratá-lo. E pediu desculpas da forma como ele me tratou durante esses seis meses. Essa mudança depois que ele assistiu o “Saindo da Matrix”.

Então, quando se fala “a maioria não entendeu”, é um fato. Quantas pessoas vocês acham que há aqui, do outro lado? É interessante isso.

Quando Carroll Lee faz uma palestra, em qualquer lugar, e o *Kryon* incorpora nele e fala - até dentro de igreja já foi feito isso - todo mundo aceita numa boa, não há problema nenhum, está tudo certo, e cada vez tem mais gente que vai às canalizações do *Kryon*, que já tem onze livros. Qual é a diferença com esta? Por que lá se reconhece o que está acontecendo e aqui não se reconhece o que está acontecendo? É interessante. Hoje, são cinco anos de atendimento no espaço Mahatma. Mais ou menos cinquenta palestras. É. Para surgir essa pergunta. Faz cinquenta palestras que isto acontece aqui. Cinco anos, desde o primeiro dia. Levou cinco anos para a “ficha cair”. Bom, talvez agora o joio seja separado do trigo, não? Porque, na hora em que a informação correr, pode ser que metade não venha nunca mais, mas venha outra metade, que não sabe que acontece isso, como o garoto que virou para a mãe e falou: “Ai, é Zen Budismo?”. Ele não veio porque o tema é Zen Budismo. Não capta o que está acontecendo na realidade. Veja, isso foi ótimo, o que ela falou. Por quê? Essas duas horas e tantas já, em que estamos falando: “o Tao, percepção da realidade, outras dimensões”. A coisa é maior; e entra por aqui e sai por aqui (*aponta para uma orelha e depois outra*). Nada muda durante cinco anos. E agora? Agora “cai a ficha”, que existe outra realidade interagindo nesta? Que, na verdade, você tem duas palestras acontecendo, simultaneamente? Uma deste lado e outra para o outro lado, com públicos diferentes, necessidades diferentes. Quando se fala determinado assunto, pode não ter nada a ver com quem está aqui fisicamente presente, mas tem tudo a ver com algumas pessoas que estão do outro lado, porque o trabalho não é feito para *este* lado, o trabalho é um todo. É feito para todo mundo que precisa, indistintamente, incondicionalmente.

Quando se fala: “Não julgueis”, vocês sabem quem está aqui do outro lado? Vocês têm ideia das pessoas? Não sabem, não têm nem ideia. Mas se soubessem... E se do meu lado aqui estiver sentado um nazista? Não é? Um ex-chefe de campo de concentração e está aqui sentado, do meu lado? Temos que matá-lo, Nuremberg. Quando se fala “amor incondicional”, é isto. Mais cedo ou mais tarde, é preciso paz, harmonia, perdão etc. Não tem essa de julgar pela exterioridade o que você não sabe, o íntimo da pessoa como é. Só o Pai sabe. Portanto, qualquer condenação, qualquer coisa é um erro crasso, que se volta contra a própria pessoa. Já sabem, não? Tudo o que você pensa negativamente, fala, pensa e que faz, cria antimatéria e volta para você mesmo. Então, quem tem ouvidos, ouça. Quem tem mente, entenda.

A questão do karma. Ao longo do tempo, você vai agregando, segundo seus atos, muita antimatéria, em si. Se agregar no fígado, terá problema de fígado; se agregar no coração, problema de coração, e assim sucessivamente. Se isso não for limpo, continua. Volta para cá com essa problemática, seja física, mental, emocional, ética, moral, não importa. Precisa ser sanado. Por isso, que as pessoas vêm aqui. Como, a maioria, não entende como funciona a mecânica do Universo, há aquele “muro de lamentações”: “Fui fazer a Ressonância, queria um apartamento, queria que o juiz pagasse o meu Processo, e em três meses não aconteceu, em dois meses não aconteceu, não funcionou. Não vou mais no Hélio”. Dezenas, centenas, pilhas, pilhas... “Não funcionou”. Se eu explicar para a pessoa que está sentada na minha frente: “Olhe, acontece o seguinte: Lembra-se de que você fez isso, isso, isso, isso e isso e isso. Então, agora precisa esperar um pouquinho porque precisa limpar tudo isso. Existe uma carga eletromagnética negativa enorme em você e precisa fazer uma limpeza a fundo, para poder começar a atrair as coisinhas que você quer. E aí é uma catarse, pode ser que chore muito, pode ser que não durma, pode ser que vomite, pode ser que...” Inicialmente, todo mundo acredita, deixa para lá, “vou testar”, a pessoa faz um mês, porque quer ver a mágica, porque nem escutou o que o Hélio falou. Depois de um mês, quando viu que revirou do avesso, porque a onda entrou e está limpando todos esses miasmas, mas ao mesmo tempo, vira do avesso: “Ai, o CD está me fazendo mal, eu piorei”. Porque quer continuar na visão de mundo antiga. “Existe alguém que faz a magia, então eu vou nessa pessoa. Se não funcionar, vou no outro; se não funcionar vou no outro, e no outro.” Pelo planeta inteiro, o que não falta é magia negra, amarração etc. Agora, evolução, crescimento espiritual, ajudar os irmãos? “Ai, que papo mais furado...” Como disse o coleguinha do Matheus: “Que chatice. Depois que eu evoluir, evoluir, evoluir, evoluir, o que vou fazer?” “Aí, você ajuda os demais.” “Ai, que chato.” É assim que pensa a criatura. Então, esse vai levar muito tempo até melhorar de vida. Por quê?

O Buda se deparou com a mesma situação. Ele tinha o discípulo que falava e um que não falava. Ele aprendeu e se iluminou, mas ficou quietinho. E não passava nada para ninguém. E tinha o outro que aprendeu, iluminou, e saiu ajudando os irmãos, e saiu passando a coisa para frente. Buda era um homem que aceitava o Tao como é: a realidade pura e simples, como é. Ele sabia a diferença entre uma coisa e outra e sabia o que era o ideal. Mas deixava. Existe esse tipo de pessoa, que quer guardar para si. Guarde. Ele já tinha explicado o bastante. Quanto mais recebe, mais responsabilidade tem. Agora, você veio, o Buda passou para você, você se iluminou, você só está tendo benefícios e quer guardar para si? Guarde. Não vai ser o Buda que vai emitir nenhum julgamento. Para isso existe o campo eletromagnético. O Buda não vai julgar nem condenar, nem executar. Pelo contrário. Quanto menos ele fizer isso, menos agrega nele. Portanto, como ele já não tem mais “Nada”, pois ele atingiu o “Nada” – com “N” maiúsculo – não tem como agregar coisas nele. Não tem. Não tem como a antimatéria grudar nele. Ele entendeu: “Está bem. Você quer ficar sem falar, sem ajudar, fique. Siga seu caminho. Sem problema. Não precisa ir embora, não. Pode vir. Fique aqui. Pode morar aqui na comunidade, sem problema”. No entanto, ele sabia que o correto é passar. Porque foi isso que os deuses vieram falar com ele durante sua meditação, no sétimo dia: “Você não vai falar? Não vai explicar? Não vai formar outra pessoa? É preciso formar outra pessoa.” E foi isso que ele começou a fazer. Ele tinha que pegar uma pessoa e torná-la tão articulada que pudesse passar o conhecimento dele para frente. Uma pessoa. Ele sabia que não ia conseguir dois. Nem duas. Senão, não teríamos esse conhecimento aqui e agora. Então, quando você usar, se usar, o conhecimento que o Hélio está passando, você vai comprar casa, carro, apartamento, resolver os problemas de saúde, resolver tudo, graças a *uma pessoa* que se deu ao trabalho, que gastou a vida inteira, para aprender o que o Buda tinha aprendido. Essa pessoa se iluminou e passou para outro, que também se iluminou. Foram poucos os iluminados. Discípulos? Milhares. Milhares e milhares e milhares, milhões, milhões. Mas, iluminados, você conta nos dedos.

Quando foi a China, quem levou o Budismo para a China? Bodhidharma, outro gigante. Então, foram meia dúzia. Mas um desses, um mestre vai para o Japão e transforma o Japão. Um mestre vai à China e transforma a China. Um mestre; um. E existem milhares e milhares... Porque, se não fosse assim que aconteceu, o mundo já teria mudado. E não estaríamos aqui nessa situação. Tudo já teria mudado,

porque o planeta inteiro teria uma consciência de Buda. Então, não haveria mais problema algum nesse planeta.

Mas, voltando à pergunta dele. Quanto mais se lamenta, quanto mais reclama, quanto mais chora, quanto mais se pisoteia e se faz birra de criança, pior fica. Pior fica. Só existe uma solução: aceitação e paciência infinita. Fim. Ponto. Aceitação e paciência infinita. “Estou com um problema.” O problema existe. Tem solução: solte o que você está querendo obter. Solte o mundo e imediatamente a solução começa a surgir na sua vida. Ponha o foco na doença para ver. Você cria a doença rapidinho. Pegue um órgão seu sadio e comece a falar e pensar e imaginar que aquele órgão está com problema, para ver o que vai acontecer. Ah, isso ninguém tem coragem de fazer, por quê? Porque falta consciência. Porque se a pessoa aceitasse, sem reclamar, fizesse o melhor, sem ficar se lamuriando, porque o problema ainda não foi resolvido, porque “eu estou com essa doença e ainda não fizeram assim, assim (*estala os dedos*) e eu estou curado”, tudo isso se resolveria rapidamente, porque o sistema imunológico pode reverter qualquer situação, praticamente. Mas, como fica um “muro de lamentações”, cria o efeito Zenão, porque a pessoa fica batendo a tecla naquele problema, seja na miséria, seja na doença, seja num problema mental, emocional, seja lá o que for.

Karma é algo estritamente real. Mas quem criou o karma? Foi a própria pessoa que criou essa situação. Pela falta de consciência. Assim, quanto antes essa pessoa alçar, se iluminar, vai acabar o karma. Basta se iluminar. Ilumine-se, que não tem mais karma. Aí é puro amor, transmite amor, pronto, está tudo resolvido. Êxtase eterno, contínuo, infinito, crescente. Mas, não, precisa ficar sapateando no primeiro degrau, no segundo degrau, no terceiro degrau.

A Ressonância teria um resultado extremamente potente se as pessoas parassem de reclamar quando a usam. Só deveriam agradecer. A pessoa viria, sentaria na minha frente e falaria assim: “Vim aqui para agradecer. Quero agradecer mais. Sei que a Ressonância pode me potencializar para que eu agradeça mais e melhor.” Excelente. Aí, passa-se uma frequência para a pessoa, que ela vai se iluminar rapidamente; ela agradece e todos os problemas estão resolvidos e ela será feliz para sempre. Mas, isso imagine. Imagine, se a pessoa está presa em “casa, carro, apartamento”, faz-se o que é possível. Vocês pensam que o Hélio não quer colocar dez casas, dez Mercedes, dez aviões na vida de todo mundo? Claro que ele quer. Todo mundo feliz. E mais gente. Porque há sete bilhões para vir, sete bilhões. É que a notícia não se espalhou. Mas, já me perguntaram: “Como é que você vai fazer se é você que faz o CD, um a um?”

Os que estão do lado de cá, cada vez vem chegando mais, e chegando mais. Todo dia. Já estão chegando para atendimento clientes com dez, doze, quinze anos. Porque, imaginem os que já chegam com um karma, quando tiverem quinze anos de idade já estarão reclamando de tudo.

Vocês não ouviram que é preciso fazer uma limpeza lá embaixo, para poder fazer a reestruturação, a realocação cósmica do planeta? É, então, isso está em curso, também. O povo mais reticente e recalcitrante de lá, está sendo transportado, encarnado e aparece aqui. E esses, vocês já sabem, não é? Grandes patologias. Saem e matam noventa e seis, rindo. Rindo, rindo. Agora, como é que se faz para ajudar uma pessoa dessas? Porque ele também precisa ser ajudado. Não pode ser condenado. Não existe essa coisa de condenação eterna. Ele tem que ser recuperado, e para recuperar um amigo desses é preciso pôr?

Plateia: ‘AMOR’

Prof. Hélio: É preciso pôr amor nele. Alguém tem que fazer isso. E não é amor pela humanidade, incondicional, etéreo. É pessoal. Pessoal. Um com um. Pessoal. Por que, senão, como é? O Tao vai atuar como? O Tao vai virar um ser para fazer isso? Ele já está fazendo isso. O Tao já está despejando amor na criação inteira, sem parar, o tempo todo. Porém, é necessário tratar individualmente. E para tratar,

individualmente, existem as pessoas que já se iluminaram, que estão dispostas a passar para a frente e cuidar, ajudar cada um deles. O Tao passar por dentro da pessoa, é isso que significa iluminação. É um canal livre, tira tudo o que está impedindo, tudo que impede que o Tao passe, integralmente. Mas, quando você se funde com o Tao, é a tal história dos espadachins. Eles lutam durante horas, ninguém ganha, se divertem e vão para casa feliz da vida. Já existe isso. Quando o Hélio fala: “Gente, se um goleiro se iluminar, ele não pode mais jogar futebol, porque não toma gol nunca”. Ele vai ficar lá, parado no gol, encostado na trave, certo? A bola vem e vai fora, fora, fora, fora. O time dele ganha todas. Quando acontecer isso, o time vai ser convidado a só se apresentar como *show* e não vai mais participar de campeonato nenhum. Ou aquele goleiro vai ser demitido, porque é eficiente demais.

Então, nós já temos. É que não existe isso no futebol, mas entre os espadachins já existe essa situação em andamento. E várias vezes já houve mestres nesse nível. Quando existe alguém que se iluminou, não dá para ele ser diretor de qualquer departamento, ser dono de empresa, jogador de futebol, não dá para ser outras coisas. A própria consciência do Tao faz com que ele passe a ajudar os irmãos. Porque, aquele que não está ajudando, está resistindo ao Tao. É pior, hein? Ele já está iluminado, mas vai guardar para si? Se o Tao é justamente o contrário? O Tao esparge amor pela humanidade, pela criação, por tudo? Como é que ele vai poder ficar quieto, depois que se iluminou? Cuidado, cuidado com a onda. Por quê? Lembra-se da Teoria do Caos? Faz um negócio assim, hein? (*desenha no ar, subindo e descendo com a mão direita*). Subiu, mas se continuar negando, começa uma ladeirinha abaixo. E pode chegar lá embaixo. Aí, vai ser necessário subir de novo, e pode ficar fazendo isso aqui (*subindo e descendo com a mão, fazendo um oito*) *ad-infinitum*. Porque é inconcebível não ajudar os irmãos, sejam eles quais forem em que lugar for do Universo, seja lá em que dimensão do multiverso etc. Isso não pode existir. Existem *n* funções, cada um faz o que bem entende, faz o que gosta. Ninguém é pressionado, impingido, à força, a nada. “Cada um na sua.” Você gosta de cantar, você canta. Gosta de qualquer coisa, ensinar, ajudar, *n*, *n*, *n* possibilidades. Agora, o que não dá é para sonegar a informação.

Ninguém é executado. Ninguém, em outros locais. Não existe pena de morte. É absurdo isso. É que ninguém morre. Já se sabe que o sujeito morre, vai para outra dimensão e volta para cá. Ou ele continua atuando aqui através da outra dimensão. Então, é um absurdo. Na verdade, você está soltando a pessoa. No momento ele está preso lá, numa cela; porém, se ele é executado, fica “*livrezinho da silva*”. Aí, já sai atrás do juiz, do advogado, seja lá quem for, que ele quiser perturbar. Então, ninguém executa. Deixa-se a pessoa encarnada e paralisada. E tenta-se ajudar, orientar, dá-se palestra. Tenta-se que o sujeito evolua, aprenda o máximo possível, porque, é claro, a vida biológica tem um tempo. Então, daqui a *x* tempo, ele passa para outra, de qualquer maneira, mas naquele tempo em que ele está do lado de cá, ele é ajudado a não fazer mais besteira.

Essa pessoa lá da Noruega. Ela pode ser recuperada assim (*estala os dedos*), rapidamente, muito rapidamente. Por isso que o Hélio falou: “O sujeito vai se recuperar antes que os mornos”. Se, se ele tivesse ajuda. Se ele tivesse ajuda. Perceberam a questão? Quem vai à penitenciária onde ele ficará preso lhe fazer uma aplicação de Reiki? E não uma. Dez, vinte, trinta, duzentas, quinhentas? Quem vai fazer isso? Se botar amor no *chakra* cardíaco dele, num instante ele sai daquela situação. Mas, quem é que vai lá? Se agora todos odeiam esse homem, se ele é execrado pela humanidade? Então, qual vai ser o destino? Inevitavelmente daqui a alguns anos ele parte. Vai para a lama ou pior, e fica um tempão, porque não há ninguém para dar uma mão para ele. E ele é um irmão que precisa de ajuda. É um *serial killer*? É um assassino? *No momento* é. Mas ele não pode ficar nessa situação eternamente. Porque, ficando “eternamente”, ele afeta todos nós. Vamos falar egoisticamente: é do nosso melhor interesse que esse sujeito seja recuperado o quanto antes. Lembra-se? Se existir uma criancinha lá na África passando fome, as consequências daquele sofrimento, a onda, a onda da criancinha vai se espalhar pelo planeta inteiro, dar a volta pelo planeta, e tocar em todo mundo. Aí você fica meio, meio mexido, meio desconfortável. Por quê? Porque existe alguém passando fome e a onda dele passou por você. Então tem mais um passando fome. Existe um bilhão passando fome, no momento. Um bilhão. Como é que você pode descansar, como é que pode ver novela, ver jogo de futebol, *dolce far niente*? Como pode? Então

Em cima, ninguém suporta essa situação. Então, baixa-se *download*. Lógico, lógico. E enquanto vocês estiverem na mesma consciência, farão a mesma coisa, num planeta de uma galáxia muito distante. Farão a mesma coisa, porque já se tornaram o Tao, junto com ele. Aí você fala: “Não, pode parar. Esse um bilhão não vai ficar passando fome. E esses seis aqui se divertindo”. Não, ninguém vai punir ninguém, mas esses seis têm que evoluir. Vamos dar uma chance deles evoluírem. Então, baixa-se um *download* neles, de amor, amor, e eles terão que se mexer, porque eles começarão a sentir amor; ficarão muito irrequietos com essa situação.

Começam a prestar atenção ao noticiário, ver o que eles precisam fazer para melhorar a situação do mundo. Vão sair da zona de conforto, de um jeito ou de outro. De um jeito ou de outro. Então, isso é inevitável, o que deve acontecer. Agora nós estamos debaixo desse *download*, a informação está sendo passada, e vai ser passada cada vez mais, cada vez mais, isso não vai parar nunca mais, até que a transformação esteja concluída. Pronto, quando estiver concluída, está tudo certo. Aí, o mundo evolui na paz e no amor. Ninguém vai passar fome, ninguém vai ficar abandonado, não vai haver casa de repouso para jogar os velhinhos dentro. Nós somos civilizados? Os indígenas fazem algo igualzinho. Acho que, talvez, eles sejam até menos cruéis, porque, no inverno, a velhinha sai - a matriarca ou o patriarca da família - fica do lado de fora da tenda durante a noite; quando amanhece ele está morto, de frio; pronto. Não dá trabalho para ninguém; não é preciso cuidar dos idosos, acabou, pronto, morreu. Faz parte da cultura da tribo. Isso acontece com os “selvagens”, que nós consideramos os “selvagens”. Chegamos à América e extermina quinhentas nações, em nome do Todo, porque eles são “selvagens” e nós somos a “civilização”. Passam quinhentos anos, trezentos anos, o que acontece? Fazemos pior do que eles. E chama isso de “civilização”, “evolução”.

Essa situação não vai perdurar. É impossível, porque é totalmente contrário ao que o Todo sente. O Todo não pode conceber e aceitar algo assim. Então, amorosamente, porque ele não faz de outro jeito, ele só é amor, puro amor, o que ele faz? **Ele Ama**. A essência do Universo é essa, quer a gente goste, quer não goste. Não tem escolha. Só existe um Todo, um. Não existem dois. Não existe outro partido, não dá para sair daqui, “parem, parem o planeta, que eu quero descer, parem o ônibus, parem o trem”. Não há, não há para onde descer, não há para onde ir, certo? Mais cedo ou mais tarde, alguém do lado do bem vai chegar ao nosso amigo da Noruega, e dizer: “Olhe, é o seguinte: eu vim aqui bater um papo com você, e tal e coisa”, e põe a mão no seu ombro e começa a passar Reiki para ele, quer ele queira, quer não queira, e ele começa a se transformar. Aliás, o *download* também está baixando em cima dele.

O Todo já está fazendo isso, mas se alguém fizesse isso lá, ajudaria bastante; a medida que passar o Reiki, ele vai começar a se transformar. No início, ele vai ter aqueles “vinte e um dias de limpeza”, pode até estrebuchar; pode até perceber que a visita está fazendo “mal” para ele, porque está amando-o, “Não, eu não quero amor, quero ódio”. Mas, não interessa, você tem que receber amor. O que pode fazer? Ele não tem escolha. Precisa ser amado, quer queira, quer não queira. Ele não tem escolha de ficar no ódio. Não tem escolha. Porque, periodicamente, muda a agenda, muda a era, vai lá embaixo, pega e põe aqui de novo. Você pode ficar dez mil anos, no seu território subterrâneo, como grande, poderoso, líder, imperador, rei. É bem imponente. Dez mil, cinquenta mil. O que significa isso? Nada. Você fica, sim, porque serve aos instrumentos maiores. É concedido. Você pode ter sua “ganguzinha”, seu território, e fica lá. Até a hora que houver uma mudança geral. Quando ocorre a mudança geral, você, que pode ser o todo fortão lá de baixo, vai virar uma criancinha no útero de qualquer mãe e vai nascer um *bebezinho*, vão pegar você pelos pés e lhe dar uns tapas para começar. “Aqui é o planeta Terra. Seja bem-vindo”. Já chega apanhando. E esse era o “todo-poderoso”. E ainda há mais, há mais. Porque dependendo do grau de miasma, de antimatéria, podem correr sérios riscos de chegar aqui sem perna, sem braço, com umas doenzinhas. É, acontece, acontece. Vai saber o quanto que o amigo agregou de negatividade em si.

Alguns anos atrás, num país europeu – existe mendigo lá, é pouco, mas existe; gente que dorme na rua - o sujeito estava dormindo, na calçada, e havia o lixo, para ser recolhido, como aqui, e o

homem estava dormindo no chão. Passou o caminhão de lixo, igual ao nosso daqui, que tritura. O que os lixeiros fizeram? Pegaram tudo que estava ali e jogaram dentro do caminhão. Que horror? Pois então, é grau de consciência. Será que os lixeiros viram que era um sujeito vivo, que estava dormindo? Que era um ser humano? Não vou falar o local, eu não quero criar problema para o Hélio. Mas é um fato real. O Hélio escutou isso na mídia, foi um “auê”. E o locutor que relatou estava horrorizado com o estado atual da civilização humana, porque pegaram o homem vivo, que estava dormindo, jogaram no caminhão de lixo, e ele foi triturado. Isso há pouquíssimos anos. Isto é o planeta Terra.

E nós? 1918. A gripe espanhola. São Paulo tem cinco mil casos, de mortes, mas muita gente contaminada. O diretor de um hospital tranca as pessoas dentro do lugar, fecha, bota a corrente e foge para Piracicaba. Um médico trancou o hospital e fugiu para Piracicaba para ficar em segurança lá no interior, onde a gripe não tinha chegado. E deixou todo mundo morrendo dentro do hospital. Aqui em São Paulo, um século atrás, durante a gripe espanhola. Peguem a documentação da época para ler. E a sopa da meia-noite? A sopa da meia-noite, que havia nos hospitais daquela época? Que, meia-noite, vinham para você e falavam: “Tem uma sopinha boa aqui para você que está com gripe”, hein? Tomava a sopinha e no dia seguinte, acabou, foi para a melhor. Isso tudo está documentado. E no cemitério da Consolação? Está lá o coveiro trabalhando, não é? Chegava cadáver sem parar. Estava lá um monte de cadáveres e ele abrindo os buracos para enfiar o povo. No meio dos cadáveres há um cara que se mexe e geme, no meio da pilha de cadáveres; um sujeito que não está morto ainda está vivo, ele se mexeu. O coveiro não teve a menor hesitação; pegou a pá e deu uma pazada na cabeça do homem e acabou de matar. Isso é fato. Nós, brasileiros, paulistas, somos capazes de fazer isso. E recolher as pessoas? Nossa, era cômico. Como não havia caminhão suficiente, não havia gente suficiente, - sabe como é, o Estado funciona com uma perfeição espetacular, faz tempo, - naquela época também já não havia gente para fazer. Então, parava o caminhão na sua porta, você estava com o parente morto, em cima de seja lá o que fosse, ou no chão, entrava o motorista do caminhão com dois ajudantes, e falava: “Olhe, é o seguinte: não cabe mais ninguém no caminhão. Eu posso deixar um morto recente, novinho, e levo o seu que está mais velho. Deixo um que está fedendo menos e levo o seu que está fedendo mais.” “Está feito.” O povo: “Está feito.” Então, pegavam o cadáver velho, colocavam no caminhão, pegavam um fresquinho e colocavam na casa e iam embora. Até esperar que passasse um novo caminhão, até que... Isso é a gripe de 1918.

A história é longa. Parece filme de horror, não é? Parece terror. Não, é o planeta Terra, só isso. Agora, o que fazemos em relação a tudo isso? Porque hoje se vive uma situação de um “mundo de ilusão”, de uma “visão romântica” extrema, globalmente falando. Como não se tem na mídia, o que é óbvio, nenhuma avaliação real da situação mundial, você só tem a “ilha da fantasia”. Você precisa “caçar” a informação na *internet*, um ou outro *site* que fala a verdade, e que, portanto, é perseguido, proscrito. Você precisa “caçar” essa informação. Mas se você nem sabe que existe isso, para que vai “caçar” algo que não sabe? Então, não “caça”, certo? Você “vai” no que todo mundo vê. No que todo mundo vê não existe; não existe nada ali que seja educativo, que mostre a realidade. Então, a bola de neve vai girando, vai girando, e ninguém dá por si sobre o que está acontecendo. De vez em quando, quando aperta demais, então um fala aqui, outro fala ali, ocorre um “auêzinho”, certo? Mas vai haver *pizza* no final; todo mundo acha que a *pizza* está garantida. É isso. Hoje, à uma da tarde, iam fazer uma reunião, quem sabe chegam a um acordo, aí... *pizza* para todo mundo, maravilhoso, magnífico, ou então amanhã. E o que vai ser decidido de tão espetacular, que aí todo mundo fica da “santa paz”? O que está em quatorze trilhões ponto três, ah, passa para dezesseis, depois passa para vinte. “Ah, sabe-se lá; empurre isso aí; que coisa chata...” Entenderam? “Um dia vai ser pago.” Eu escutei isso: “Um dia vai ser pago.” É? Fale isso para o seu gerente de banco, fale isso. Vá lá, com o seu cartão de crédito estourado, seus empréstimos estourados, vá lá e fale para o gerente: “Um dia eu pago. Quero mais.” Experimente. Veja como é que funciona o mundo real. E nesse caso se pode empurrar essa coisa aí *ad...* Pois é, não é bem assim a coisa. Entenderam?

Então, o parafuso está apertando. A situação está se complicando. Mais cedo ou mais tarde, essa zona de conforto total vai ser afetada. E aí, a realidade vai se impor e quem já estiver num grau superior de iluminação vai passar por isso sem maiores problemas. Quem não estiver, vai ficar sem formigueiro, literalmente. Isso quase aconteceu na Grécia, duas semanas atrás, quase que “vai tudo para o buraco”. Empurraram mais uma vez, empurra mais, empurra lá, empurra aqui, empurra, empurra. Só que nós estamos num Universo finito, então vai chegar uma hora em que não dá para fazer mais desse jeito.

A questão sempre retorna ao mesmo lugar: grau de consciência. Quando se tem consciência, o Tao pode atuar através de nós e pode melhorar tudo. Quando não se tem, é essa situação que vocês estão vendo, lenta e gradual. Não esqueçam de que, dez minutos antes do *Titanic* bater, o capitão mandou uma mensagem dizendo: “O céu é azul e o mar está calmo”. Dez minutos antes. E, poucos minutos antes, ele mandou aumentar a velocidade porque estava tudo, “nossa, está tudo maravilhoso”. “Pode aumentar a velocidade do barco.” E o comandante das máquinas falou: “Mas isso não é perigoso?” “Não, não. Pode fazer.” Bem, ordem é ordem. Fez. Dez minutinhos antes. Então, quando chacoalha, quando treme, é complicado. Não estou contando isso para assustar nem aterrorizar ninguém, mas é impossível esticar uma situação igual à que existe nesse planeta, em que não se dá a mínima para o sofrimento alheio, e tocar o barco como se nada estivesse acontecendo: “Eu só cuido do meu”. Não dá, não dá. É impossível. Então, isso vai ser ajustado de um jeito ou de outro.

Todo mundo que utiliza a Ressonância, tem uma grande oportunidade. Na verdade, única; de contar nos dedos. Vocês acham que vai haver Ressonância para todo mundo, *ad infinitum*? Não. O Hélio já falou isso aqui. Isso aqui é um período. É de tanto a tanto (*demonstra com as mãos um pequeno intervalo*), na história. De tal data a tal data. Fim. Acabou. Quem fez, fez; quem não fez, não fez. Joel Goldsmith, durante trinta e cinco anos, fez. Chegou uma hora, ele pensou: “Não está adiantando nada, porque tudo continua igual. Então, não vou mais atender individualmente. Vou passar conhecimento e acabou. Ou eles evoluem, ou aprendem, ou, paciência, porque não está funcionando.” No caso da Ressonância, é a mesma situação. Existe um período em que isso será feito. Depois... Porque isso seria suficiente para mover o mundo, se fosse levado a sério. Se as pessoas entendessem, as pessoas que vêm as pessoas que fazem, se elas entendessem e levassem a sério o que está acontecendo nos locais em que eu atendo, seriam suficientes.

Você tem uma ferramenta que prova o Vácuo Quântico, que prova a Ressonância, que prova as outras dimensões, que prova o mundo espiritual, que prova o multiverso, que prova tudo. E como é que isso não sai de setenta pessoas, aqui nesta sala? Não sai disto. Toda vez há setenta. Perceberam? Interessante esse número. Quem que colapsa? Vou deixar para perguntar. Pensem em casa: quem está colapsando para manter só setenta pessoas nessa palestra, há cinco anos? Alguém está fazendo isso, e tem um tremendo poder mental, hein? E é bem humano isso, por sinal, entenderam? Por quê? Com setenta, está todo mundo confortável, podem chegar a hora que quiserem, está tudo tranquilo. Se vierem cento e cinquenta pessoas, o negócio vai ficar um tanto desconfortável, porque terá fila significativa. Então, “eu já vou ter que chegar antes...”. As próprias pessoas que vêm, “inconscientemente”, estão colapsando para que esse número fique nesse, nesse patamar de setenta. E, no atendimento de quinta-feira, ou da quarta, ou da terça, ou do sábado, também fique num número x , que não saia daquilo, porque aí está confortável. “Eu tenho certa fila de espera, dependendo, da hora em que vou; mas chego, sou atendido, então está uma beleza e consigo as coisas”. Vocês sabem que conseguem, de um jeito ou de outro sempre melhora, pode melhorar muito, mas, dependendo de como vocês tratam os miasmas, o karma e etc., mas todos tem benefício, de qualquer maneira. Todos, mesmo os que abandonem em um mês. Então, está muito cômodo. Para quem está fazendo hoje, “está beleza”.

Vem uma pessoa que está com um câncer, em alto estágio já, lá na frente, e tinha um parente que sabia da existência do Hélio, mas não falou dele para a pessoa que está com câncer. Essa pessoa do câncer descobriu o Hélio por meio do gerente do banco em que tem conta. O gerente falou: “Olhe, existe um negócio chamado Ressonância”. Quando ela vem, descobre que a parente já sabia do Hélio há oito,

dez meses atrás. E se fosse isso, e se ela tivesse vindo naquela época, seria muito mais fácil de tratar essa situação do que hoje. Mas... Mas, ninguém falou, ninguém abriu a boca. Por quê? Porque é muito cômodo. Pensam bem nisso. Tem prazo, será de tanto a tanto. Fim. Acabou. Ninguém vem nessa palestra, ninguém é tratado e acompanhado pelo Hélio, se não for trazido. Pensem bem nisso.

Um dia, disseram para a Maria do Carmo: “Não é você, que faz a agenda do Hélio? Nós é que fazemos”. Ela escutou isso. Entenderam isso? Escutou na orelha; do outro lado, da outra dimensão. “Não é você que faz a agenda dele. Nós é que fazemos.” Portanto, isso significa o quê? Que cada um que vem foi trazido. “Amigo, você pode vir, você quer? Está bem. Então, eu tenho um negócio, assim e assim, vá lá.” Agora, se a pessoa foi trazida, se foi permitido que ela tivesse acesso a essa tecnologia, qual é a responsabilidade que fica? Você foi escolhido, entre sete bilhões de pessoas, para ter acesso à tecnologia. Escolhido a dedo. “Venha cá, tome.”, porque ninguém. Se fosse depender dos outros falarem, você não estava aqui. Está bem, aí você soube, por alguma razão, que pegaram e puseram a informação na sua frente e trouxeram: “Tome”. E como é que ficam os demais irmãos? A informação não sai. Não sai das setenta pessoas. Não sai, e assim, e assim é.

Hoje é um dia importante. Cinco anos. Hoje, abriu-se publicamente, como ela fez (*aponta para pessoa da plateia*), a informação de que aqui acontecem duas palestras, simultaneamente. Isto é uma canalização. Isto sempre foi uma canalização, há cinco anos, no Mahatma. Quem tem olhos, veja; quem não tem, não vê; paciência. Ou vocês não perceberam, nos outros DVDs, a maioria tem certa abordagem homogênea, mas alguns DVDs têm uma abordagem, totalmente, diferente em termos de apresentação, de oratória, de falar, de expor? Pois é, porque são várias canalizações, várias canalizações acontecendo, às vezes numa palestra diferente da outra, às vezes na mesma palestra várias canalizações ao mesmo tempo, entra um, sai outro, entra outro, sai um, e nem se percebe. Algumas pessoas que vêm aqui percebem. Isso deveria servir – foi ótimo o que aconteceu – isso deveria servir de alerta para falar: “Epa! Quer dizer que eu estou assistindo esse negócio há três, quatro, cinco anos, e não enxerguei isso que estava acontecendo na minha cara? Então, o que eu enxergo da realidade?”

Muito obrigado. Boa noite.